

# TRANSFORMAÇÕES DA SOCIEDADE DO TRABALHO E CRISE SOCIALISMO

ALEX FIUZA DE MELLO\*

Se o século XX - segundo FUKUYAMA<sup>1</sup>- fez de todos os seus protagonistas *pessimistas históricos*, por certo a penumbra dessa escuridão secular atingiu particularmente o pensamento de esquerda. Não apenas a Escola de Frankfurt rendeu-se ao ceticismo da "gaiola de ferro" e de sua "dialética negativa", constatada nos rumos "civilizatórios" do pós-guerra e da Guerra Fria; fatos novos e sociologicamente poderosos - como a crise do *welfare state*, o desemprego estrutural e a *débâcle* soviética - continuam a desafiar, neste *fm de siècle*, as mentes ainda comprometidas com as possibilidades de uma razão transformadora, último vestígio de esperança que ainda resta aos herdeiros mais legítimos do socialismo científico. Nesse embalo, as ciências sociais são tensionadas em seus modelos explicativos tradicionais e convocadas a dar seu laudo de inteligibilidade aos novos acontecimentos, novas "receitas" para os impasses que parecem afirmar mais o "eclipse da razão" que as possibilidades da utopia.

E certo que, enquanto razão crítica de seu tempo, as ciências sociais refletem e exprimem as convicções, dúvidas e perplexidades do curso da história, movidas pelos acontecimentos de cada época e lugar, contexto e cultura, revelando-se simultaneamente efeito e causa na dialética do jogo das interações humanas. Elaborando a crítica da razão pura e instrumentalizando aquela da razão prática, vivem ao interno de sua própria dinâmica as contradições de um tipo de *saber* que transita permanentemente nas fronteiras entre ideologia e ciência, utilitarismo e utopia, razão e revolução, tensionando e sendo tensionadas pelos movimentos que atravessam transversalmente consciência e ação, concepções e práticas humanas. De alguma forma e em razão direta

de tais *vínculos ontológicos*, as ciências sociais (como de resto os demais campos do conhecimento) sempre experimentaram tensões no terreno do embate intelectual, circunstancialmente resultantes da confluência de dois fatores básicos: a) os interesses cognitivos dos objetivos práticos dos atores em cena (indivíduos, grupos, classes, nacionalidades): b) as idiosincrasias inerentes à lógica interna do próprio debate acadêmico a respeito do método científico e da busca da "verdade objetiva". Intrinsecamente ligados no plano da historicidade, embora passíveis de distinção no plano lógico, tais fatores, condicionados pelas necessidades de cada contexto, moveram e revolucionaram o mundo das idéias e das coisas, o sentido da existência, a razão de ser, a visão do ser, a consciência dos limites e das possibilidades, o universo das crenças, as formas de sociabilidade. estruturas e instituições, o ritmo da vida social, a cotidianidade, as práticas, valores, tradições, a base material de cada sociedade, a consciência do homem sobre si mesmo e seu destino, o devir, as paixões e as utopias. A história das ciências sociais confunde-se. assim, com a própria história da modernidade, traduzindo parte da aventura humana de decifrar o mundo e sua própria trajetória, através de instrumentos e recursos não mais fundados na razão metafísico/teológica, mas naqueles da observação, comparação, experimentação (por indução ou dedução) de fenômenos palpáveis e perceptíveis aos sentidos e à razão crítica. Ao mesmo tempo, a produção dinâmica desse conhecimento submete-se ininterruptamente ao crivo da crítica social decorrente dos dois fatores já referidos e os referenciais teórico-epistemológicos formulados num determinado momento e, sob critérios específicos, têm que demonstrar sua eficácia e resistência aos testes e

\* Doutorando em Ciências Sociais da UNICAMP

provas que lhes são interpostos no "campo de batalha". A sensação de *crise*, quer no sentido kuhniano de momento extraordinário de ruptura paradigmática, quer naquele popperiano de tensão constante e normal na prática científica, sempre está assim a rondar os vários ideários e ordenamentos teóricos, questionando sua validade e aplicabilidade em cada contexto histórico.

Ora, a chamada "*crise da sociedade do trabalho*" ou a propalada "*crise do socialismo*" (independentemente de suas várias interpretações) podem ser lidas, no limite, como formulações que exprimem novos esforços de inteligibilidade de um determinado contexto histórico que está a desafiar os cânones sociológicos (categorias conceituais e elaborações teóricas) herdados da tradição, colocados então sob suspeita no que se refere às inerentes potencialidades heurísticas de deslindamento dos novos contornos da empiria. E aqui as águas se dividem. Há aqueles que se voltam aos autores clássicos, buscando nas reinterpretções desses textos originais escavar a matéria-prima para a crítica dos modelos mais recentes de explicação sociológica, enquanto outros tentam elaborar novos parâmetros de análise, declarando a insuficiência heurística dos paradigmas clássicos perante as novas evidências do real. No primeiro caso, Marx e/ou Weber são receitados ainda como fontes alternativas de inteligência às elucubrações "pós-capitalistas" (julgadas como simples panacéias ideológicas), reforçada a atenção para as novas configurações e contradições da sociedade do trabalho e de sua ética racional, no estágio avançado do capitalismo mundial; no segundo, é marcada uma "nova agenda" de investigações dedicada ao registro de novos padrões interpretativos para a dinâmica do capitalismo tardio, cujos vínculos de sociabilidade cada vez mais se tornam descentrados em relação à esfera da produção, exigindo outros modelos explicativos para o jogo social, assim como estratégias políticas alternativas de ação. Em decorrência, emergem posturas analíticas distintas sobre as tendências da sociedade capitalista e as possibilidades de sua transformação futura. De um lado, um tipo de discurso canalizado para a crítica das várias versões do "pós" (capitalismo, modernismo, industrialismo, fordismo) e que se apóia na tese de um novo ciclo avassalador de reprodução ampliada do sistema

produtor de mercadorias (espécie de subsunção real mais intensiva do trabalho ao capital em escala mundial), engravidado de novas técnicas de dominação e de controle sobre as massas excluídas do mercado de trabalho; de outro, versões variadas que possuem em comum o fato de apontarem para o que julgam serem mudanças qualitativas significativas na dinâmica e forma de organização do capitalismo em seu estágio avançado, particularmente no que respeita à constituição das classes e grupos sociais, apregoando, em função dessas transformações, saídas heterodoxas baseadas em reformas apoiadas em outros níveis e instâncias de ação social e política. No centro do debate, o questionamento da atualidade (ou não) do papel revolucionário tradicionalmente atribuído à classe operária, após as mudanças operadas pelo capital no mundo do trabalho em âmbito global e a conseqüente crise do socialismo.

No interior do emaranhado de interpretações sobre a questão, dois destaques: *O Colapso da Modernização*, de Robert KURZ e *Adeus ao Proletariado*, de André GORZ. Não obstante a diferença temporal entre as duas publicações (a primeira de 1991, a segunda de 1980), ambas são típicas quanto às maneiras distintas de encarar o problema, constituindo-se, portanto, em referências heurísticas emblemáticas. Se a análise do capitalismo tardio empreendida por KURZ leva-o a utilizar como subtítulo da obra a expressão "*derrocada do socialismo*", a formulação do subtítulo de *Adeus ao Proletariado* não é menos sugestiva: "*para além do socialismo*". Duas significativas tentativas de diagnosticar os impasses teóricos tradicionais do pensamento de esquerda, frente às profundas transformações ocorridas no mundo do trabalho, ao longo das últimas décadas e de oferecer interpretações alternativas para os acontecimentos neste ocaso de século.

#### A TESE DE ROBERT KURZ

A polêmica tese de Robert KURZ está debruçada sobre a *débâcle* do "socialismo histórico"<sup>2</sup>, por ele reduzido à condição de "socialismo de caserna", espécie de "via soviética" de modernização econômica que, tal qual o chamado Terceiro Mundo, acabou por

conhecer na prática os produtos sombrios da "lógica" da sociedade produtora de mercadorias (agora definitivamente mundializada), mas cujos limites e contradições já estampam o colapso da modernidade capitalista, empurrada para a beira do abismo que precipita uma nova "idade das trevas", de envergadura planetária, a condenar as massas humanas não tanto à exploração do trabalho, mas ao *desemprego estrutural*, à *fome*, espectro que já rondaria os próprios países desenvolvidos - fenômeno este, aliás, também "global". Para KURZ, o "fim do socialismo" não representa a derrota de um sistema econômico-político-ideológico "perdedor", uma vez que tal "socialismo" não teria passado de uma estratégia soviética de modernização, num contexto de sociedade proto-burguesa atrasada, por instrumentalização de um Estado burocrático-totalitário altamente centralizado, disfarçado de "príncipe moderno" do proletariado, versão "oriental" do fenômeno estatista tão assíduo e entranhado no movimento histórico e lógica despotista da modernidade universal, desde a violência dos métodos de acumulação primitiva do capital, na era mercantilista, até o armamentismo atômico da superpotências durante a "guerra fria". Ao contrário, a *débâcle* desnuda a existência de fundamentos comuns mais profundos entre os dois sistemas - que a posteriori se revelaram menos antagônicos do que sua aparência pretérita - introduzindo o "mundo unificado" numa crise global que passa a ameaçar, como nunca, o pretense "vencedor", agora nu diante de seu próprio espelho. Se algo fracassou, não foi o "socialismo" perante o capitalismo ocidental, mas a "modernização recuperadora do tipo soviético"<sup>3</sup> que, para KURZ, jamais eliminou os elementos básicos constitutivos do funcionamento da sociedade de mercado burguesa:

*"O 'mercado planejado' do Leste, como já revela essa designação, não eliminou as categorias do mercado. Conseqüentemente aparecem no socialismo real todas as categorias fundamentais do capitalismo: salário, preço e lucro (ganho da empresa). E quanto ao princípio básico do trabalho abstrato, este não se limitou a adotá-lo, como também levou-o ao extremo."*<sup>4</sup>

Mas qual o principal fundamento teórico da análise kurziana, senão a crítica da economia política burguesa presente n' *O Capital*, de Marx,

particularmente os desdobramentos de sua teoria do "fetichismo da mercadoria"?! Exatamente (e novamente) o "velho Marx", cuja crítica fundamental ao sistema produtor de mercadorias teria sido reprimida e esquecida pelas versões ideologizantes do estatismo stalinista que, no afã de condenar apenas os capitalistas individuais, descurou-se de criticar o próprio capital (enquanto ralação social de exploração do trabalho humano), mistificando, em nome de um suposto "socialismo", as razões do totalitarismo "protomodernizador", sob o mito do partido único da "maioria explorada":

*"A teoria de Marx, vulgarizada por interpretações unilaterais até tornar-se 'marxismo', foi privada de sua crítica decisiva da forma do sistema de reprodução burguês moderno; a crítica da forma-mercadoria que culmina no conceito de fetichismo, criado por Marx, foi eliminada e empurrada para um além teórico e histórico, difamada como nebulosa, ou degradada a um fenômeno mental puramente subjetivo."*<sup>5</sup>

Eis que o "outro" Marx, o da crítica da economia política, "esquecido" e "marginalizado" por um tipo de "esquerdismo" arrogante e pseudo-científico, passa a ser exigido para a superação de um tipo de razão iluminista/abstrata burguesa, presa à lógica da forma-mercadoria<sup>6</sup>; o retorno à fonte originária (e não sua superação unilateral) revela-se, para o autor, o caminho mais seguro e fecundo para se aspirar a uma "razão sensível", capaz de apreender a substância subjacente ao processo de mundialização do capitalismo e as novas contradições emergentes desse novo período histórico de alargamento planetário do sistema produtor de mercadorias. KURZ busca no exercício de uma ontologia do ser social burguês, presente nos escritos de Marx, a sustentação lógica para a maioria de suas inferências, como a de que o colapso dos "mercados planejados", típicos do modelo soviético, nada mais representa que um aspecto da crise global do capitalismo, em nada diferindo quanto à sua essência fenomênica, não passando de "simples substituição da forma oriental da crise pela forma ocidental"<sup>7</sup>, recentemente instalada. Na mesma lógica fundamentará sua ironia ao conceito de "sociedade do trabalho" (que para alguns teóricos estaria hoje "em crise"), por ele considerado conceito ontológico

*tautológico*, "pois, na história até agora transcorrida, a vida social, quaisquer que sejam suas formas modificadas, apenas podia ser uma vida que incluísse o trabalho" <sup>8</sup>; mais uma vez de Marx, implicações de sua teoria pós-ricardiana do valor-trabalho levada às últimas consequências, KURZ retira o conteúdo ontológico que diferencia o processo de produção da mercadoria moderna (capitalista) daquela pré-moderna - e, por tabela, a especificidade histórico-sociológica do conteúdo do trabalho humano subsumido ao capital:

*"O valor, na forma de mais-valia, que nunca antes constituía uma relação de produção, não aparece aqui simplesmente como forma socialmente mediada dos valores de uso concretos ...O processo de produção deixou de 'extinguir-se' no valor de uso, apresentando-se como automovimento do dinheiro, como transformação de certa quantidade de trabalho morto e abstrato em outra quantidade maior de trabalho morto e abstrato (mais-valia) e, com isso, como movimento de reprodução e auto-reflexão tautológico do dinheiro, que somente nessa forma se torna capital, e, portanto, um fenômeno moderno. Nessa forma de existência do dinheiro, como capital, o dispêndio de trabalho desprende-se do contexto de criação de valores de uso sensíveis e transforma-se naquela atividade abstrata que traz em si sua própria finalidade."* <sup>9</sup>

Para KURZ residiria aqui o verdadeiro "despotismo da modernidade", isto é, o absolutismo do dinheiro e do trabalho abstrato explorado pelos empreendimentos econômicos <sup>10</sup>, seja diretamente pelos capitais individuais ou pela intervenção do Estado, cujo conteúdo sob este aspecto projetaria, em essência, uma certa homologia entre "ocidente" e "oriente", desmascarando a "ideologia" do "socialismo real" e revelando a verdadeira face da objetividade burguesa. Somente sob esta ótica (pretensamente de inspiração marxiana) é que KURZ atribui sentido à natureza da crise contemporânea que, segundo suas próprias palavras, revelar-se-ia em seu acabamento último no caráter "monstruoso" da submissão do trabalho e necessidades humanas à auto-reflexão cega do dinheiro.<sup>11</sup>

E de Max Weber, de sua tese sobre o ascetismo protestante enquanto "recipiente" cultural que mais

tipicamente molda o substrato histórico-ideológico do mundo burguês, KURZ deduz a identidade "de espírito" presente em ambos os sistemas conflitantes do pós-guerra, no que toca à forma especificamente moderna de exploração da força-de-trabalho humana e das matérias-primas, com o agravante de que tal "*ethos* protestante do homem abstrato de trabalho dentro de uma sociedade transformada numa máquina de trabalho ... (em nenhum outro lugar) foi posto em prática com mais fervor e rigor do que no movimento operário e nas formações sociais do socialismo real".<sup>12</sup> Além de Marx, Weber parece fornecer os "equipamentos" teórico-epistemológicos adequados à compreensão do fenômeno da subordinação do homem à máquina de trabalho, essa lógica "religiosa" típica da sociedade burguesa, sentido subjetivamente visado de cada ação social inscrita nos "rituais" da racionalização moderna. E para resumir o *summum bonum* dessa "ética", KURZ passa a palavra ao autor d' *A Ética*...

*"... a aquisição de dinheiro e mais dinheiro, com negação rigorosa de todo prazer despreocupado, tão completamente despida de todos os aspectos eudonísticos ou até hedonísticos, tão puramente concebida como atividade que traz em si a própria finalidade, que, frente à felicidade' ou ao 'proveito' do indivíduo, parece ser algo totalmente transcendente e absolutamente irracional. O homem está referido à aquisição como finalidade de sua vida; e a aquisição deixou de estar referida ao homem, como meio para a finalidade de satisfazer-lhe as necessidades materiais da vida". [Weber]*<sup>13</sup>

Talvez nessa "identidade de espírito" entre o socialismo e o capitalismo resida o segredo da sobrevivência por tantas décadas das "estruturas gastas" do que KURZ definiu por "socialismo de caserna absurdo", não obstante tão "afinado" com os padrões institucionais e ideológicos da modernidade. E do romance *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann, escrito em 1919 (na contemporaneidade de Max Weber), Robert KURZ destaca um trecho lapidar, que poderia muito bem sintetizar o "suco concentrado" de toda a sua tese:

*"Fiquei pensando, a esse respeito, que a diferença ética entre o capitalismo e o socialismo é insignifi-*

*cante, porque ambos consideram tanto o trabalho o princípio supremo, o absoluto. Não é justo fingir que o capitalismo seja uma forma de vida parasitária e improdutiva. Ao contrário, o mundo burguês não tem conhecido nenhum conceito e valor mais elevado do que o do trabalho, e este princípio ético, que torna-se oficial somente no socialismo, vem a ser o princípio econômico e critério político e humano, diante do qual somos aprovados ou não, e isto de maneira que ninguém pergunta por que o trabalho possuiria esta dignidade e santidade absoluta. Ou será que o socialismo traz um novo sentido e uma nova finalidade ao trabalho? Pelo que eu saiba não. O trabalho é uma fé, é algo absoluto? Não é. O socialismo não se encontra num nível intelectual, moral, humano e religioso mais alto do que a ideologia burguesa capitalista, sendo apenas um prolongamento desta. É tão ateu quanto ela, pois o trabalho não é divino."*<sup>14</sup>

A análise de KURZ parece, assim, representar uma versão mais moderna das teses clássicas (de Marx e de Weber) a respeito da subsunção real e ampliada do trabalho ao capital e/ou da subordinação da lógica de funcionamento do mundo do trabalho a uma racionalidade cada vez mais burocrática e instrumental<sup>15</sup>,

colonizadora de todos os espaços e entranhas da vida social moderna, com toda a dosagem de pessimismo que marcou sobretudo (mais que a Marx) o pensamento de Weber. A dominação de uma lógica sistêmica movida pelos interesses do lucro já estaria de tal forma consolidada em escala planetária (e o fim do soviétismo seria a prova cabal e definitiva desta tese), que não apenas as instituições objetivas da sociabilidade humana neste final de século teriam virado espécie de máquinas reprodutoras desse tipo de racionalidade, impregnando as massas e plasmando o senso comum, como os próprios modelos de compreensão e explicação científica da crise elaborados pela Academia (particularmente pelos representantes da esquerda) não passariam eles mesmos de sub-produtos formatados por esta mesma lógica da mercadoria. A ausência de uma luz no fim do túnel é prenúncio de uma "era de trevas", de caos e de decadência das estruturas sociais, que já estaria a rondar os sobreviventes temporários do século naufragado; e aqueles que ainda acreditam nas

possibilidades de uma ação transformadora do *status quo* (na existência de um sujeito social revolucionário) ou, ao contrário, pensam poder gozar as delícias das conquistas materiais da modernidade, vendo a banda passar, não passariam de passageiros iludidos, situados no convés de um "Titanic" condenado à catástrofe.<sup>16</sup> O "horror infinito das sociedades pós-catastróficas" já não será a superexploração do trabalho (como a esquerda continua acreditando), mas a *ausência dessa exploração*<sup>17</sup> para milhões de indivíduos condenados à miséria absoluta e à fome crônica pelo *apartheid social globalizado*: "A maioria da população mundial já consiste hoje, portanto, em sujeitos-dinheiro sem dinheiro, em pessoas que não se encaixam em nenhuma forma de organização social, nem na pré-capitalista nem na capitalista, e muito menos na pós-capitalista, sendo forçadas a viver num leprosário social que já compreende a maior parte do planeta".<sup>18</sup>

Em suma, nas amarguras de um pessimismo que não mais localiza sujeitos políticos capazes de mudar os rumos da tragédia em curso - estampada em definitivo a imagem de T. Morus (*Utopia*) de um país (agora globalizado) em que "as ovelhas devoram os seres humanos" -, Robert KURZ se inscreve como um dos herdeiros mais atuais da visão cética frankfurtiana, segundo a qual "a violência da sociedade industrial instalou-se nos homens de uma vez por todas".<sup>19</sup> A "gaiola de ferro" (como uma imensa cadeia global sem portas ou janelas), ao aprisionar em grades de ouro um proletariado cada vez mais reduzido e eitiizado, acabou por condenar aos porões mais sombrios do calabouço as forças mais nobres da utopia socialista, pensada como advento do reino da liberdade. Por isso. "nunca houve tanto fim"!

## A TESE DE ANDRÉ GORZ

Trilhando um outro caminho, ainda que pré-anunciando um diagnóstico semelhante ao que mais tarde chegaria Kurz, mas (diferentemente do alemão) com esforços de dobrar um tipo de pessimismo radical desencorajante, André GORZ sinalizará seu "adeus ao proletariado" apresentando a *crise do socialismo*, como de resto a do marxismo, como fato diretamente relacionado à *crise do movimento operário*, fundamentalmente no que respeita a seu papel

histórico de *sujeito revolucionário*, base *social* das possibilidades da ação transformadora em direção a um estágio superior de sociabilidade humana, fundado na apropriação e gestão coletiva das forças produtivas e das riquezas geradas. E as razões objetivas apontadas são fundamentalmente duas:

1) o desenvolvimento das forças produtivas - que pode ser sintetizado na progressiva automação e informatização dos circuitos e engrenagens constituintes do processo de trabalho - ao invés de dotar a classe operária (enquanto "produtores associados") de maior autonomia de gestão e polivalência qualificada, tendencialmente vem restringindo esse espaço de ação e poder do trabalhador, pela supressão dos ofícios tradicionais (agora incorporados ao sistema automatizado) e simplificação das tarefas, substituindo os antigos mestres por operários não-qualificados (mais facilmente "descartáveis") e subsumindo o controle técnico-científico e o planejamento da produção a um segmento de intelectuais-funcionários (não-proletários) organicamente vinculados ao capital (técnicos, cientistas, gerentes) - sua elite burocrática;

2) o "locus" do poder e a materialidade dos instrumentos e instâncias de dominação, no estágio do capitalismo avançado, complexificaram-se e cada vez mais se deslocam dos espaços mais restritos, onde se processam as relações sociais cotidianas (aos quais os sujeitos individuais da ação têm acesso mais direto e visibilidade), para contextos mundializados (supra nacionais) subordinados a estruturas complexas de *funcionalização* sistêmica, cuja racionalidade impessoal, descentrada e desterritorializada de organização da dinâmica e institucionalidade sociais torna opaco o processo social (global) de produção e dificulta qualquer efetividade de reação, por meio de estratégias imediatas e/ou localistas de resistência e combate ao status quo, "deslocado" que passa a se situar o fundamento de toda e qualquer soberania (isto é, o campo da correlação de forças).

Mais do que uma redução relativa (e, em alguns casos, mesmo absoluta) do número do operariado clássico, é a conjugação destes dois fenômenos (distintos analiticamente, mas componentes de uma

mesma totalidade processual) que estaria a interpelar as formulações e equações tradicionais herdadas de Marx e do marxismo ocidental, colocadas de encontro à parede pela força do desenrolar dos fatos e da história recente. Para GORZ, Marx enganou-se<sup>20</sup>. Ou pelo menos suas teses relativas à missão revolucionária do proletariado foram definitivamente superadas pela evidência histórica da capacidade *não prevista* de sobrevivência e de renovação do capitalismo, de sua "faculdade, pouco estudada e mal compreendida, de dominar a não-solução de seus problemas", de resistir ao seu mau funcionamento.<sup>21</sup>

GORZ, antes de mais nada, vai localizar este "pecado original" da doutrina de Marx numa espécie de mistificação herdada do hegelianismo: "A teoria marxista do proletariado não se funda em um estudo empírico dos antagonismos de classe nem em uma experiência militante da radicalidade proletária. Nenhuma observação empírica e nenhuma experiência militante podem conduzir à descoberta da missão histórica do proletariado ... o ser proletário (imputado por Marx) é transcendente aos proletários".<sup>22</sup> GORZ, por certo pretendendo um julgamento que vai apoiado não apenas nos resultados de uma história secularmente transcorrida, como na sua própria militância e nas observações empíricas constatadas ao longo de sua vida, entende que somente o vício de uma concepção teleológica da história (de versão religiosa secularizada) radicada em Hegel é que pode explicar a armadilha a que o pensamento de Marx não escapou. O primado explicativo de Marx, para o caso, pertenceria à filosofia, não aos postulados da sociologia. O fato da industrialização gerar uma classe de características universais, socializada em padrões coletivos de produção, acostumada a uma forma cultural de reprodução que prescindia da propriedade privada dos meios de produção (isto é empiricamente comprovável), não autoriza qualquer dedução *científica* de que, por tudo isso, esta categoria de homens encarnaria, *na prática*, a passagem a um novo estágio de racionalidade da vida social fundado no coletivismo (isto *não é* empiricamente comprovável). Para GORZ, esta leitura de Marx, que, conscientemente ou não, fizeram as gerações militantes pré e pós maio de 68, foi traída pelos rumos dos acontecimentos. E como se a década de 70 (que certamente não foi contradita pela de 80, até o

presente) fosse a grande amostra da contra-prova empírica à teoria que nunca teve maior sustentação que o simples recurso religiosamente remetido à autoridade de seus pais fundadores (Marx e Lênin). Segundo GORZ, a verdade nua e fática é que:

*"o desenvolvimento do capitalismo produziu uma classe operária que, em sua maior parte, não é capaz de se tornar dona dos meios de produção e cujos interesses diretamente conscientes não estão de acordo com uma racionalidade socialista"*<sup>23</sup>

O processo histórico de subsunção *real* do trabalho ao capital - utilizando aqui uma expressão de Marx<sup>24</sup> - teria sido levado ao extremo. Marx sabia que os meios de produção, no capitalismo, não são simplesmente máquinas neutras, mas a própria condensação das relações de dominação do capital sobre o trabalho, administradas sob a aparência de exigências técnicas inflexíveis, inerentes à própria racionalidade do maquinismo. Sobre o tema, PIGNON e QUERZOLA sintetizaram de forma lapidar a questão, arguindo que se

*"Lenine dizia que a política é a expressão concentrada do econômico, não levará muito tempo até compreendermos que o tecnológico é a expressão concentrada do político "*<sup>25</sup>

O fato é que, para GORZ, a sofisticação desses procedimentos - as mudanças na organização do mundo da produção - subordinou até as entranhas a própria *subjetividade* operária. Desde o taylorismo até as formas mais requintadas de técnicas de gestão fordistas (e seus desdobramentos subsequentes), o que se processou foi uma progressiva *racionalização* do processo de trabalho, que resultou relativamente na substituição do poder tradicional do operário sobre o circuito da produção pelo de uma capa de profissionais altamente especializados e de conteúdo social burocrático. Não somente a tomada de consciência (para si) não se realizou como o previsto, como as possibilidades objetivas de reação se restringiram excepcionalmente, no contexto das estruturas de produção dadas. Hoje,

*"o obstáculo ao poder, à autonomia, à autogestão dos produtores não é simplesmente jurídico ou institucional... é material (grifo meu): refere-se à con-*

*cepção, à dimensão, ao funcionamento das fábricas E não apenas a estas mas ao 'capitalista coletivo que gere o conjunto das fábricas"*<sup>26</sup>

Para GORZ, entretanto, este "capitalista coletivo" não é apenas uma estrutura sistêmica de dominação objetivamente dada, materialmente distribuída por todo o planeta e que torna o poder "sem sujeito" sem ator individual principal; é também (e sobretudo) uma *racionalidade* posta e introjetada em todos os níveis e instâncias da vida social, que age nos corações e mentes (transformando-se em valores, práticas e costumes), como lei férrea a ditar a cada dia e em todos os minutos os *leit-motif* mais "sublimes" do sentido da existência, "é preciso entregar as encomendas", "é preciso produzir mais" "e preciso mais rápido e barato", "é preciso e preciso e preciso " O resultado cultural mais límpido desse fato é que o proletariado já não mais estaria a reivindicar a abolição do assalariamento, mas de todo trabalho não assalariado, recorre ao Estado não mais concebendo-o como representante dos interesses da burguesia, mas na condição de pedinte que carece de proteção. E como se GORZ, sem dizê-lo, sugerisse que a inteligibilidade da lógica de funcionamento do capitalismo em seu estágio tardio estivesse mais para Weber que para Marx, pois, ao que parece para o autor, a alta-modernidade capitalista e as próprias experiências concretas do soviétismo nada mais fizeram que demonstrar que tudo caminhou não no sentido do socialismo, mas naquele da racionalização exacerbada da lógica produtivista, voltada ao lucro e ao consumismo.<sup>27</sup> Se a figura fundamental dessa sociedade tornou-se o burocrata, no aparelho de Estado, como na grande empresa, o poder passou a ser o organograma.<sup>28</sup>

Diferentemente de Kurz, que preanuncia um cataclisma social com a intensificação do fenômeno do desemprego estrutural, GORZ - por mais que admita que os progressos do produtivismo possam conduzir à barbárie e à opressão - decreta, por sobre a morte do proletariado enquanto sujeito histórico da transformação, a virtualidade da ressurreição do socialismo por vias transversas, atuado pela ação (enquanto possibilidade posta) de novos atores sociais contraditoriamente gestados no contexto da própria

crise da sociedade "pós-industrial": a "não-classe" dos "não-produtores".

Qual a lógica do argumento de GORZ? Qual o conteúdo sociológico dessa "não-classe"?

A base do raciocínio está apoiada na tese de que o duplo fundamento teórico do "socialismo científico" - o poder coletivo do operariado sobre o processo de produção e o seu sentido de pertencimento a uma mesma classe social - foi destruído *objetivamente* pela divisão capitalista do trabalho, ora pela banalização da maioria das tarefas distribuídas na linha de montagem, ora pela supressão e/ou heterogeneização dos procedimentos tradicionais que conspiravam a favor de uma identidade social de classe, no interior da fábrica. A reificação do trabalho atingiu tal nível de usurpação dos dotes operários, que a própria atividade *em si* (*labour*) passou a significar algo sem sentido, ao ponto do dilema já não mais ser a liberação *no interior* do trabalho, mas a liberação *do* trabalho. E aqui ocorre uma "química sociológica" para GORZ. Se antes, durante os primórdios da industrialização, o capital abolia progressivamente e com enorme rapidez os trabalhos artesanais, ofícios e atividades camponesas, subordinando a maioria das tarefas a um similar regime estandardizado de produção, *onde a fábrica tornara-se o espaço estratégico de socialização*, agora, com a automação e a "cientifização" intensiva do processo de trabalho, expulsa parte considerável dos indivíduos do mundo da produção, precarizadas suas capacidades intelectuais para o trabalho (seja pelo subemprego, seja pela imbecilização das tarefas), *deixa a fábrica de constituir-se o centro proeminente da vida social, recriando-se outros padrões de convívio, de organização societária e de subjetividade*. A nova consciência social deixa assim de ser forjada pela dinâmica do mundo do trabalho e, em consequência, a identidade dos novos sujeitos sociais (os "neoproletários") não se define mais pelos moldes do passado. Enquanto a maioria da população passa a ocupar e vivenciar esta nova condição de existência, a classe operária tradicional, que sobrou no sistema fabril, já não representa mais que uma elite corporativa defensora de seus privilégios (como o emprego e os altos salários), tornada incapaz de exprimir os anseios mais gerais dos segmentos majoritários:

*"A inversão com relação à idéia marxista do proletariado está completa. O novo proletariado pós-industrial não apenas não encontra mais no trabalho social a fonte de seu poder possível como vê nele a realidade do poder dos aparelhos e de seu próprio não-poder. A evolução tecnológica não caminha no sentido de uma apropriação possível da produção social pelos produtores. Ela caminha no sentido de uma abolição dos produtores sociais..."*<sup>29</sup>

O limiar do século XXI teria produzido, assim, um observatório mais elevado, de cima do qual a observação da história transcorrida já não mais permitiria credenciar as promessas e utopias profetizadas ao sabor das novidades, tendências e sonhos vislumbrados no início da caminhada. "Não vamos a parte alguma; a História não tem sentido ... a sociedade que se decompõe diante de nossos olhos não está grávida de nenhuma outra".<sup>30</sup> A reconstrução da *vontade*, do *desejo* e da *razão* urge então, como única condição de reprogramação da epopéia humana, que, uma vez largada ao sabor das maresias do sistema e da lógica industrial-produtivista, ao contrário de um porto seguro provavelmente conduzirá (como uma "mão invisível" - só que agora "diabólica") a nave da história para as profundezas de um oceano de mais destruições, desperdícios, miséria, tensões, barbárie. E pelas razões apontadas,

*"apenas a não-classe dos não-produtores - exatamente pela possibilidade que esta permite engendrar de ruptura com um tipo de racionalidade produtivista-materialista - é capaz desse ato fundador"*<sup>31</sup>

A batalha agora é entre *éticas*, entre *racionalidades*, *weltanschauungen*, que ora afirmam a reprodução de um sistema colonizado pela lógica materialista do lucro e da dominação social, ora buscam uma alternativa pluralista, que garanta espaços de "tempos livres" para a realização de outras dimensões humanas (além daquela do *homo-faber*), nichos que coloquem a vida pessoal "ao abrigo de toda pressão e obrigação social exterior".<sup>32</sup> A superação da dicotomia entre *sociedade* e *soberania individual*, a definição de um novo prospecto de racionalidade -este velho sonho socialista - se refaz como exigência cultural no interior deste novo contexto "pós-industrial".

A "não-idade" dos "não-produtores", organizada de forma plural e descentrada, através da conjugação de movimentos sociais dos mais diferentes perfis e matizes, inaugura, para GORZ, uma nova e longa etapa de lutas sociais, que fermenta o advento possível daquilo que Herbert Marcuse cunhou como caráter "feminino" do socialismo pós-industrial, isto é, uma revolução *cultural* que liberará não apenas as mulheres, mas os homens, para a experimentação de outras dimensões da vida, para além daquela da produção estritamente material: as relações pessoais, o direito ao ato de amar e ser amado, de gerar e criar filhos, a aventura estética, a participação política, o deleite literário, num reequacionamento das aspirações mais subterrâneas do próprio velho Marx. É como se a crise da sociedade industrial estivesse a desmascarar (potencializando) o fato de que em nenhum momento da história a dominação da racionalidade econômico-instrumental foi *total* e que, embora engaiolada a sociedade nas amarras da lógica do Capital, este envólucro nunca deixou de ter "janelas". O domínio desses espaços *extra-econômicos*, voltados aos experimentos estéticos, educacionais, intersubjetivos - que na sociedade capitalista nunca auferiu um estatuto de valorização vital -. aproxima GORZ de HABERMAS, para quem a esfera do *mundo da vida* representa o contraponto ao sistema dominado pela racionalidade instrumental, ainda que por este colonizada. De fato, em HABERMAS, a *colonização do mundo da vida* pelas instâncias sistêmicas do Estado e da Economia, ao unilateralizar a razão pela imposição de uma lógica de ação voltada predominantemente para fins estratégico-egoístas, jamais aboliu (mas tão somente subordinou) sua dimensão comunicacional e reflexiva - conquista humana universal -, sempre potencialmente capaz de erupções de manifestação emancipadora das teias de qualquer determinismo social.<sup>33</sup> O "mundo da vida" habermasiano, laboratório cotidiano dessas ressurgências, coincide com o setor "*extra-econômico*" de GORZ. base material "oculta" (mas real e pulsante) subjacente a todo sistema social, cujo "excedente" dinamicamente gerado não é aquele *econômico*, mas de tipo *cultural*, único passível de moldar também um "excedente de consciência"<sup>34</sup>, daquela "consciência sensível" (crítica) desejada por Kurz e apontada como último nicho que ainda restaria aos homens para uma

reviravolta, ante a iminência do passo definitivo em direção ao abismo.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS (EM ABERTO)

GORZ e KURZ representam duas das mais significativas propostas de equacionamento analítico para a crise do socialismo, formuladas no interior do pensamento contemporâneo de esquerda. Ambos têm o mérito de transformar em objeto teórico fatos relevantes da história recente que se impõem, para além de qualquer conotação ideológica, como "sinais dos tempos" de considerável visibilidade e cujo peso empírico está a exigir das ciências sociais arrojados desafios hermenêuticos, assim como novas formulações teóricas *up to date*. No centro das atenções, as transformações febris da materialidade da esfera do trabalho e suas repercussões na dinâmica cultural do mundo do pós-guerra, seja no universo particular das sociedades capitalistas avançadas, seja no contexto mais ampliado de um planeta cada vez mais subsumido à lógica do Capital, a que nem mesmo escapou a experiência soviética, por KURZ denominada de "socialismo de caserna".

"Fim da centralidade do trabalho", "adeus ao proletariado" ou "colapso da modernização", mais que evidências irrefutáveis ou dignósticos precisos, são expressões que possuem o mérito de chamar a atenção para problemas (estes sim inquestionáveis) que se impõem à agenda científica (e política) neste final de século, de intransferível enfrentamento. As provocações ou mesmo exacerbações (que de alguma forma estão contidas nessas propostas) são recursos importantes que, em momentos de crise, são sempre úteis para afinar o olhar sobre problemas reais, mas que não devem transformar-se em novos mitos ou dogmas substitutivos daqueles por eles mesmos criticados. Como diria WEBER, no limite, um equívoco engenhoso é muito mais útil para o desenvolvimento do conhecimento científico que uma tese correta desprovida de genialidade.<sup>35</sup>

A questão está em aberto e o debate apenas começou. Por certo, um exercício mais fecundo de entendimento da problemática terá de somar o legado ainda atual dos clássicos às contribuições mais recentes de deslocamento dos feixes explicativos,

tirando-se ao final (e sem qualquer ecletismo vulgar) a necessária "média sociológica".

Adam SCHAFF frisou que os fenômenos hodiernos materializam com uma clareza quase clássica os fundamentos mais relevantes das doutrinas "tradicionais"<sup>36</sup> Sem dúvida, considerando-se um certo ângulo de leitura da realidade presente, pode-se dizer que o século XX foi um retrato fiel, em terceira dimensão, das previsões mais argutas de MARX e de WEBER sobre as tendências da dinâmica da modernidade capitalista. Os esforços precipitados de condenação do marxismo, ao se fixarem exclusivamente na teoria da revolução, "esqueceram-se" de outras dimensões nucleares do pensamento de MARX, que estão consubstanciadas em sua crítica radical da economia política capitalista. As próprias transformações da sociedade do trabalho, centro em torno do qual gravita parte considerável das querelas sociológicas das últimas décadas, ao contrário de refutarem os prognósticos do autor de *O Capital*, talvez ilustrem melhor que qualquer outro exemplo a precisão e a atualidade das equações marcianas de análise das tendências de desenvolvimento do capitalismo. Bastaria lembrar, *en passam*, breves passagens de *Trabalho Assalariado e Capital* ou de *O Capital*, escritas e publicadas há mais de cem anos (respectivamente. 1849 e 1867), para logo nos apercebermos de que teses como a do "*desemprego estrutural*", "*subemprego*" ou mesmo aquela da geração e ampliação das desigualdades sociais e da miséria (hoje inquestionáveis, como recentemente demonstrou o Relatório Finai e Carta de Copenhague, de março de 95, sobre o Desenvolvimento Social e Humano), já estavam ali formuladas de modo lapidar:

*"Temos assim como o método de produção e os meios de produção se alargam e revolucionam constantemente, como a divisão do trabalho arrasta necessariamente atrás de si maior divisão do trabalho, o emprego de maquinaria maior emprego de maquinaria Se agora consideramos a agitação febril tal como ela opera no mercado do mundo inteiro, estaremos em posição de compreender como o crescimento, a acumulação e a concentração do capital trazem consigo uma subdivisão do trabalho ainda mais pormenorizada, um desenvolvimento ainda maior de máquinas antigas e uma aplicação*

*constante de novas máquinas - processo que prossegue ininterruptamente, com velocidade febril e em escala cada vez mais gigantesca Os generais (os capitalistas) disputam uns aos outros a possibilidade de despedir o maior número de soldados industriais quanto mais aumenta o capital produtivo, tanto mais ele amplia a divisão do trabalho e a aplicação da maquinaria se o capital cresce rapidamente, a concorrência entre os trabalhadores cresce com rapidez ainda maior, isto é, os meios de emprego e subsistência da classe trabalhadora decrescem em proporção ainda mais rapidamente."*<sup>37</sup>

ou ainda,

*"Quando se introduz maquinaria nova ou se amplia a velha, parte do capital variável se transforma em constante. O economista apologético desfigura essa operação, que 'imobiliza' capital e por isso despede trabalhadores, afirmando que ela libera capital para os trabalhadores. Só agora podemos avaliar em toda a extensão o cinismo dessa apologética. Ficam sem emprego não só os trabalhadores diretamente expulsos pela máquina mas também seus sucessores e o contingente adicional que seria regularmente absorvido com a expansão ordinária do negócio em sua base antiga.. O impulso que capitais adicionais que procuram aplicação transmitem à procura de trabalho é neutralizado em cada caso, na medida em que é contrabalançado pela expulsão dos trabalhadores, ocasionada pelas máquinas. Isto significa que o mecanismo da produção capitalista opera de maneira que o incremento absoluto do capital não seja acompanhado por uma elevação correspondente da procura geral de trabalho. E o apologista chama isto de de compensação pela miséria, pelos sofrimentos e pela possível morte dos trabalhadores desempregados durante o período de transição que os joga no exército industrial de reserva. A procura de trabalho não se identifica com o crescimento do capital, nem a oferta de trabalho com o crescimento da classe trabalhadora. Não há aí duas forças independentes, uma influenciando sobre a outra. É um jogo com dados viciados."*<sup>38</sup>

Mas Max WEBER, em sua *Historia Econômica Geral* (publicada postumamente, em 1923), também visualizara o fenômeno!:

"(...) o processo de mecanização sempre se colocou em prática com o objetivo de reduzir a mão de obra. cada nova invenção significa que o trabalhador manual, em grandes massas, resulta substituído por um pequeno núcleo de trabalhadores servidores das máquinas." <sup>39</sup>

Além disso, os desdobramentos culturais da racionalização capitalista teorizados por WEBER continuam a soar como címbalos que hoje se fazem ouvir em todos os quadrantes do globo:

"Desde que o ascetismo (um dos componentes fundamentais do espírito do moderno capitalismo) começou a remodelar o mundo e a nele se desenvolver, os bens materiais foram assumindo uma crescente e, finalmente, uma inexorável força sobre os homens, como nunca antes na História. Hoje em dia - ou de finitivamente, quem sabe - seu espírito religioso saíu-se da prisão. O capitalismo vencedor apoiado numa base mecânica, não carece mais de seu abrigo. Também o róseo caráter de sua risonha sucessora a *Aufklärung* parece estar desvanecendo irremediavelmente, enquanto a crença religiosa no 'dever vocacional', como um fantasma, ronda em torno de nossas vidas a procura da riqueza, despidida de sua roupagem ético-religiosa, tende cada vez mais a associar-se com paixões puramente mundanas, que freqüentemente lhe dão o caráter de esportes (E) os 'últimos homens desse desenvolvimento cultural poderiam ser designados como 'especialistas sem espírito, sensualistas sem coração, nulidades que imaginam ter atingido um nível de civilização nunca antes alcançado. O destino iria fazer com que o manto se transformasse numa prisão de ferro'" <sup>40</sup>

Como bem notou Klaus EDER o discurso atual das ciências sociais sobre a crise nada mais é que uma nova versão do nunca-concluído discurso sobre a crise na sociedade moderna.<sup>41</sup> E a direção e resultado final das mudanças na esfera do trabalho ainda representam uma questão em aberto, polêmica e de difícil prognóstico.<sup>42</sup> Portanto, ignorem-se as contribuições teóricas que delimitam feixes mais ampliados de reflexão e níveis enriquecidos de problematização *beyond* o universo circunscrito do que se convencionou denominar de "paradigma da

produção"<sup>43</sup>, ou, ao contrário, reduzir-se a crise à crise da classe operária, discriminando-se, em conseqüência, a herança teórica dos clássicos, é propugnarem-se formas tipicamente equivocadas de reducionismo. As dimensões e alcances das contradições dessa nova fase de reestruturação e expansão do capitalismo, marcada por processos, relações e estruturas cada vez mais transversalmente globalizados, mal começaram a se manifestar.

"Na medida em que o capitalismo cria uma espécie de fábrica global, quando o operário coletivo aparece no âmbito da globalização, quando a mercadoria, lucro, excedente ou mais-valia se realiza no mercado mundial, nessa mesma medida abrem-se perspectivas e desafios para o sindicalismo de alcance global, o movimento operário defronta-se com a necessidade e urgência de renovar as suas organizações internacionais e criar novas de alcance propriamente global" <sup>44</sup>

Vivemos um novo ciclo de reordenamento institucional. Nesse novo patamar de historicidade, de amplitude planetária,

"a sociedade civil mundial também nasce e desenvolve-se de modo problemático, contraditório e bastante influenciada pelos grupos e classes dominantes, articulados em âmbito nacional, regional e mundial. Mas essa mesma sociedade é um espaço de movimentos, reivindicações, propostas alternativas e lutas de todo tipo. Por isso é que a globalização pelo alto pode ser questionada, posta em causa, revertida. A partir dos movimentos e lutas sociais desenvolvidos pelos trabalhadores, abrem-se possibilidades de globalização desde baixo". <sup>45</sup>

Se é hora para exercícios de *diagnóstico* da crise -e nesse sentido todas as reflexões neste campo são válidas, também quando se propõem a indicar "saídas" (mundo da vida, emergência de novos atores sociais, nova configuração do proletariado, novas potencialidades da globalização, etc.) -, por outro lado é demasiadamente cedo para *prognósticos*. As potencialidades do devir histórico sempre foram e continuarão sendo, em alguma medida, incontroláveis - e não há "gaiolas de ferro" que não produzam as suas fraturas. Não há nada que comprove empiricamente que o proletariado perdeu definitivamente seu

potencial revolucionário, como nunca houve nada que pudesse provar cientificamente que tal missão lhe seria histórica e naturalmente inerente (ou exclusiva). O diagnóstico do nosso tempo - para parafrasear Karl MANHEIM - continua em aberto e sob "exame clínico" O emaranhado de problemas da sociedade contemporânea, ao contrário de requisitar soluções singulares e unívocas, continua a desafiar as lides mais credenciadas do pensamento social. A encruzilhada ao final do milênio é uma interseção de caminhos sinuosos com presságios e mistérios: a abundância e a fome, a democracia e o totalitarismo, o bem-estar e a miséria, a paz e a guerra, a vida e a morte, demarcam ainda os horizontes tangíveis da dinâmica social nesta virada de milênio, numa evidência de que a formulação luxemburguiana "*socialismo ou barbárie*" continua na ordem do dia. Por certo, para cruzar a longa marcha do "devir", à humanidade, não obstante suas insondáveis vicissitudes, caberá empunhar em cada mão o "binóculo" que aproxima o futuro e o "retrovisor" que memoriza o passado. Mais do que "patologias" ou "receitas", as diversas perspectivas teóricas que têm buscado diagnosticar os rumos da modernidade não passam de *sintomas* da própria crise global, que no fundo é a crise do Homem diante da própria imagem refletida no espelho da História. Há (e haverá) posturas que, arraigando-se aos fantasmas de um passado que já não existe, abrem mão do "binóculo" e se tomam míopes diante das transformações reais do mundo, do "novo", da emergência de uma sociedade marcada por profundas transformações que "apresenta desafios empíricos e metodológicos, históricos e teóricos, que exigem novos conceitos, outras categorias, diferentes interpretações".<sup>46</sup> Por outro lado, há (e haverá) também as que, em contrapartida, jogam com facilidade o "retrovisor" na lata de lixo e, negando o potencial dos instrumentos de leitura e lições herdadas do passado, confundem os contornos dilatados dos fatos sociais figurativamente distorcidos nas retinas de sua própria miopia, como novidades que nada têm a ver com a "natureza" do contexto histórico precedente. Se a exacerbação das miopias pode ter o mérito de chamar atenção para aspectos da realidade que, sem tal amplificação, careceriam da necessária problematização, corre porém o risco de selecionar reagentes falaciosos (e sem o devido teste) ao

equacionamento dos ingredientes ainda insuficientemente classificados pelos conhecimentos tradicionais da "química social" Por certo, tanto uma ortodoxia ideologizada dos pensadores clássicos, como uma heterodoxia exacerbada e inconsistente (espécie de daltonismo ideológico que confunde as cores do real) que proclama, no limite, o fim da modernidade e a falência das meta-teorias, apresentam vieses problemáticos que, se radicalizados, podem conduzir à cegueira irreversível. De alguma forma, esse embate, revestido de linguagem científica, pode esconder razões ideológicas mais arraigadas a interesses políticos, nem sempre transparentes à superfície dos acontecimentos, ou mesmo esforços desesperados de busca de algum brilho de estrela em meio à escuridão secular.

De qualquer modo.

*"não pode haver dúvida de que, para se contrapor às novas aquisições e poderosas inovações do capital, será requerida a articulação de novas estratégias pelas forças socialistas, na atualidade completamente desconcertadas pela habilidade de seu adversário em manter sob controle as determinantes manifestações tradicionais de suas próprias crises".*<sup>47</sup>

É preciso nunca esquecer que o socialismo, antes de ser um *lugar*, um *tempo* ou uma *forma*, é a tradução sempre renovada da *utopia*, do permanente desejo do Homem de transformar seu destino, superando as vicissitudes condicionadas do presente. Os esforços de teorização da crise da "sociedade do trabalho" e do "socialismo", com toda a polêmica inerente, na pior das hipóteses têm o mérito maior de ter colocado em questão certas conformações explicativas/discursivas cristalizadas e enrijecidas pelo tempo e aberto outras possibilidades e perspectivas para a atualização de referenciais paradigmáticos no contexto de um momento histórico que, no mínimo, estava a requerer maior ebulição, movimento e flexibilidade de idéias.

*Campinas, junho de 1995*

**BIBLIOGRAFIA**

- ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max, *Dialética do Esclarecimento (Fragmentos Filosóficos)*, trad. de Guido Antônio de Almeida, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1985.
- DAHRENDORF, Ralf, *O Conflito Social Moderno*, Zahar/Edusp, São Paulo, 1992.
- EDER, Klaus, "Culture and Crisis: Making Sense of the Crisis of the Work Society", in MUNCH, R. & SMELSER, N.J. (Editors), *Theory of Culture*, University of Califórnia Press, Berkeley, 1992.
- FUKUYAMA, Francis, *O Fim da História e o Último Homem*, trad. de Aulyde Soares Rodrigues, Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1992.
- GORZ, André, *Adeus ao Proletariado*, 2a. edição, trad. de Angela Ramalho Vianna e Sérgio Góes de Paula, Editora Forense-Universitária, Rio de Janeiro, 1987.
- HABERMAS, Jürgen, *Theory of Communicative Action*, 2 vols., Beacon Press, Boston, 1984 and 1987.  
 , *O Discurso Filosófico da Modernidade*, trad. de Ana Maria Bernardo et alii. Publicações Dom Quixote. Lisboa. 1990.
- IANNI, Octavio, "A Globalização do Movimento Operário", in *Revista Novos Rumos* (Revista Quadrimestral do Instituto Astrojildo Pereira), n. 22, São Paulo, 1994.
- KURZ, Robert, *O Colapso da Modernização*, 2a. edição, trad. de Karen Elsabe Barbosa, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1993.
- MARX, Karl, *O Capital*, livro 1, vol. II, trad. de Reginaldo SanfAnna, Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, s/d.  
 \_\_\_\_\_, *O Capital, capítulo VI (inédito)*. Livraria Editora Ciências Humanas, São Paulo, 1978.  
 \_\_\_\_\_, "Trabalho Assalariado e Capital", in *Sociedade e Mudanças Sociais (Coletânea)*, 2a. edição, trad. de Artur Morão, Edições 70, Lisboa, 1973.
- MÉSZÁROS, István, *Produção Destrutiva e Estado Capitalista*, trad. de Georg Toscheff, Editora Ensaio, São Paulo, 1989.
- OFFE, Klaus, *Trabalho & Sociedade: Problemas Estruturais e Perspectivas para o futuro da "Sociedade do Trabalho"*, vol. I (A Crise), trad. de Gustavo F. Bayer, Edições Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1989.
- PIGNON, Dominique & QUERZOLA, Jean, "Ditadura e Democracia na Produção", in GORZ, André, *Divisão Social do Trabalho e Modo de Produção Capitalista*, trad. de Alberto Saraiva, Emanuel Cirne e Patrícia Boanova, Editora Escorpião, Porto, 1976.
- SCHAFF, Adam, *A Sociedade Informática*, 4a. edição, trad. de CE. Jordão Machado e L.A. Obojes, Editora Unesp/Brasiliense, São Paulo, 1993.
- WEBER, Max, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, 3a. edição, trad. de M. Irene de Q.F Szmrecsányi e Tomás J.M.K. Szmrecsányi, Livraria Pioneira Editora, São Paulo, 1983.  
 , *Historia Económica General*, 3a. edición, Fondo de Cultura Económica, México, 1961

<sup>1</sup> Francis Fukuyama, *O Fim da História e o Último Homem*, trad. de Aulyde Soares Rodrigues, Editora Rocco Rio de Janeiro, 1992, p. 29

<sup>2</sup> Robert Kurz, *O Colapso da Modernização*, 2a. edição, trad. de Karen Elsabe Barbosa, Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1993

<sup>3</sup> Para Robert Kurz, o "tipo soviético de acumulação primitiva"... Cf. op. crt., p. 192.

<sup>4</sup> Ibid., p. 29.

<sup>5</sup> Ibid., p. 48.

<sup>8</sup> Cf. ibid., p. 232.

<sup>7</sup> ibid., p. 142.

<sup>8</sup> Ibid., p. 26

<sup>9</sup> Ibid, p 27

<sup>10</sup> Cf. ibid.. p. 38.

<sup>1</sup> Cf. ibid., p. 28.

<sup>2</sup> Ibid., p. 22.

<sup>3</sup> Apud Robert Kurz, op. cit., p. 22.

<sup>4</sup> Apud R. Kurz. op. cit., p. 24.

<sup>5</sup> Aliás, a tese de Weber sobre o socialismo se pauta exatamente na idéia da exacerbação da razão instrumental, levada às últimas conseqüências.

<sup>6</sup> Cf. R. Kurz, op. cit, p. 234.

<sup>7</sup> Ibid., p. 194.

<sup>8</sup> Ibid, p. 195.

<sup>9</sup> Theodor Adorno e Max Horkheimer, *Dialética do Esclarecimento (Fragmentos Filosóficos)*, trad. de Guido Antônio de Almeida, Zahar Editora, Rio de Janeiro, 1985, p. 119.

<sup>10</sup> Cf. André Gorz, *Adeus ao Proletariado: para além do socialismo*, 2a. edição, trad. de Angela Ramalho Vianna e Sérgio Góes de Paula, Editora Forense-Universitária, Rio de Janeiro, 1987, p. 39.

<sup>2</sup> Ibid., p. 25.

<sup>22</sup> Ibid p 27

<sup>23</sup> Ibid p 26

<sup>24</sup> Karl Marx *O Capital livro I, capítulo VI (inédito)*, Livraria Editora Ciências Humanas, São Paulo, 1978.

<sup>25</sup> Dominique Pignon & Jean Querzola, "Ditadura e Democracia na Produção", in André Gorz. *Divisão Social do Trabalho e Modo de Produção Capitalista*, trad. de Alberto Saraiva Emanuel Cime e Patrícia Boanova, Editora Escorpião, Porto, 1976, p. 134

<sup>26</sup> André Gorz *Adeus ao Proletariado*, op. cit, p. 64.

<sup>27</sup> Coincidindo, sob este aspecto, as análises de Gorz e de Kurz

<sup>28</sup> A Gorz ibid p 73

<sup>25</sup> Ibid p 91

<sup>30</sup> Ibid pp 93/94

<sup>31</sup> Ibid p 93

<sup>32</sup> Ibid p 99

<sup>33</sup> Vd Jurgen Habermas, *Theory of Communcative Action 2 vols* Beacon Press Boston 1984 and 1987

<sup>34</sup> Cf André Gorz *Adeus ao Proletariado*, op. cit p 109

<sup>35</sup>Ct Max Weber *História Econômica General*, 3a edición Fondo de Cultura Econômica México. 1961 p 44

<sup>36</sup>Adam Schaff *A Sociedade Informática*. 4a edição trad de CE Jordão Machado e LA Obojes, Editora Unesp/Brasiliense São Paulo 1993, p 33

<sup>37</sup>Karl Marx *Sociedade e Mudanças Sociais (coletânea)* 2a edição, trad de Artur Morão, Edições 70 Lisboa 1973 pp 201 209

<sup>38</sup> Karl Marx *O Capital*, livro I vol. II, trad de Reginaldo SanfAnna Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro s/d cap XXIII p 742

<sup>39</sup>Max Weber *Histona Econômica General* op cit p 260

<sup>40</sup>Max Weber *A Ética Protestante e o Espíto do Capitalismo* 3a edição, trad de M Irene de Q.F Szmrecsányi e Tomás J.M.K Szmrecsányi. Livraria Pioneira Editora. São Paulo, 1983, p 131

<sup>41</sup>Klaus Eder "Culture and Crisis Making Sense of the Crisis of the Work Society" in Munch, R and N.J Smelser (Editors), *Theory of Culture* Berkeley, University of Califórnia Press 1992, p 366

<sup>42</sup> Ibid p 372

<sup>43</sup>Sobre o tema, cf por exemplo, J Habermas, "Excurso acerca do Envelhecimento do Paradigma da Produção" in *O Discurso Filosófico da Modernidade*, trad de Ana Maria Bernardo et alii, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1990, pp 81 - 88, C Offe "Trabalho como categoria sociológica fundamental?" in *rabalho & Sociedade Problemas Estruturais e Perspectivas para o futuro da "Sociedade do Trabalho"*, vol I (A Crise), trad de Gustavo F Bayer, Edições Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1989, pp 13-41, R Dahrendorf, *O Conflito Social Moderno*, Zahar/Edusp Editores, São Paulo, 1992, pp 150-172

<sup>44</sup> Octavio Ianni, "A Globalização do Movimento Operário" in *Revista Novos Rumos* (Revista Quadrimestral do Instituto Astrojildo Pereira), n 22, São Paulo. 1994. p. 8

<sup>45</sup> Ibid., p. 9

<sup>46</sup>Octavio Ianni, *Globalização novo paradigma das ciências sociais*, (mimeo.), São Paulo, s/d, pg. 1

<sup>47</sup> István Mészáros *Produção Destrutiva e Estado Capitalista*, trad de Georg Toscheff, Editora Ensaio, São Paulo, 1989, p 99